



Ciência e meio ambiente:  
urgências para o ensino  
de jornalismo

22º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo  
e IV Congresso de Jornalismo da Amazônia

De 25 a 28 de Abril de 2023

local: Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Manaus/AM



## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

### A COBERTURA JORNALÍSTICA CULTURAL DA IMPRENSA

### TANGARAENSE: INTERSEÇÕES ENTRE O HEGEMÔNICO E O

### UNDERGROUND

Aline Valentin Lopes<sup>1</sup>; [aline.valentin@unemat.br](mailto:aline.valentin@unemat.br)

Miguel Rodrigues Netto<sup>2</sup>; [miguel.rodrigues@unemat.br](mailto:miguel.rodrigues@unemat.br) (orientador)

## RESUMO

Este artigo busca apresentar elementos presentes na pauta jornalística da área de cultura da imprensa do município de Tangará da Serra/MT. A pesquisa analisa matérias publicadas no mês de julho de 2022 no jornal Diário da Serra e com base em análise documental e ancorada nas teorias da comunicação e do jornalismo, sobretudo os estudos culturais das escolas de Frankfurt e Birmingham e das hipóteses da agenda setting e gatekeeper busca compreender a dinâmica produtiva que leva determinados valores expressos na cultura ganharem mais visibilidade que outros criando o efeito de cultura hegemônica e underground. Como resultado verificamos que de fato o tratamento dispensado pela imprensa faz diferenciação entre as diferentes manifestações culturais do município.

## PALAVRAS-CHAVE

Agenda setting. Cultura underground. Gatekeeper. Hegemonia cultural. Jornalismo Cultural.

## 1. INTRODUÇÃO

Tangara da Serra é uma município situado no oeste do estado de Mato Grosso com uma população de 107.631 habitantes (estimativa IBGE,2022) e uma área de 11.636,825 Km<sup>2</sup> sendo que a mancha urbana tem 30,97 km<sup>2</sup>. O município é polo de uma região próspera onde estão situados grandes produtores de grãos com destaque para soja, milho e algodão e também pecuária bovina de corte. Com grande potencial econômico, tendo empresas dos diversos setores de atividade comercial, está entre os 10 maiores PIBs do estado, além de ser um polo educacional com grande variedade de cursos de cunho profissionalizante e também de graduação e pós-graduação, inclusive nas modalidades de mestrado e doutorado.

---

<sup>1</sup> Graduanda do 7º período do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professor Adjunto do curso de Bacharelado em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Quando o assunto é cultura, a cidade caminha em passos largos em termos de infraestrutura, tendo um espaço totalmente voltado a cultura no centro da cidade o centro cultural Pedro Tayano que sedia apresentações e eventos tanto culturais quanto acadêmicos.

Nessa perspectiva se insere a imprensa local que dentre os diversos assuntos da pauta diária vez ou outra também cobre a pauta cultural mesmo que não haja por assim dizer uma editoria fixa voltada para cultura nos periódicos da cidade.

Este artigo se debruçará na análise midiática do jornal Diário da Serra, do município de Tangará da Serra no sentido de responder: se existe uma cobertura sistematizada dos eventos culturais e a divulgação e cobertura é feita igualmente nas cultura hegemônica e underground.

Para responder essa problemática levantada utilizaremos da perspectiva dos estudos culturais na sua abordagem sobre cultura, identidade e pertencimento e também das teorias da agenda setting e do gatekeeper para entender a dinâmica de circulação das informações a partir dos filtros e conseqüentemente do fomento de uma agenda pública.

## **2. METODOLOGIA**

Nossa metodologia terá caráter de pesquisa exploratória de abordagem qualitativa sendo que o processo de pesquisa inicia com o levantamento bibliográfico seguido da pesquisa documental em fontes primárias que no seu caso são as edições digitais do jornal Diário da Serra que iremos analisar conforme o recorte fixado. Conforme as categorias de análise cultura, identidade, hibridismo, sociabilidade e jornalismo cultural apostamos na análise de conteúdo para encontrar as respostas necessárias ao objeto proposto. Marconi & Lakatos (2009) evidenciam que o levantamento bibliográfico é o primeiro passo da pesquisa.

A descrição do que é e para que serve a pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto a de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. **A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda a pesquisa científica** (MARCONI & LAKATOS, 2009, p.44). **[grifo nosso]**

Na fase seguinte do percurso metodológico faremos a pesquisa documental conforme as características e definições apontadas por Gil (2007):

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa se utiliza bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa (GIL, 2007, p.45).

A partir dos documentos selecionados partiremos para análise de conteúdo com base nas categorias de análise definidas no processo de pesquisa em que buscamos desvelar sentidos expressos nas publicações jornalísticas. Este método permite extrair do texto nuances que estão submersas à primeira vista. Para isso nos utilizaremos dos escritos de Bardin (2011) e Kientz (1973), considerados clássicos na utilização desta técnica.

Nascida de uma reação contra a antiga análise de texto, excessivamente subjetiva, e de uma necessidade de sistematização imposta pelo prodigioso desenvolvimento das comunicações de massa, a análise de conteúdo, cedendo à magia dos números, tentou primeiro conquistar os seus títulos de nobreza científica mediante uma quantificação sistemática, enfatizando, segundo a palavra cunhada por Sorokin, a ‘quantofrenia’. Berelson, a quem cabe o mérito de ter codificado a análise de conteúdo, fez da quantificação uma das regras fundamentais dessa técnica de pesquisa. Esse ponto do método seria depois seriamente contestado. Ainda hoje, a quantificação, embora se tornasse menos brutal graças à reintrodução de métodos qualitativos, encontra sempre numerosas reticências” (KIENZ, 1973, p. 10).

O *cópus* da nossa pesquisa é constituído por 22 edições do jornal Diário da Serra. Este periódico tem circulação diária e está disponível nas plataformas impressa e digital. Escolhemos o mês de julho de 2022 para nossa análise justificando-se porque este é o mês com maior quantitativo de atividades culturais na região e portanto tem mais matérias da editoria de cultura. Entendemos que a definição do *cópus* constitui na condição basilar para o estabelecimento de uma sequência de acontecimentos discursivos que se revela no objeto, Mazière (2007).

### **3. IDENTIDADE E HIBRIDISMO CULTURAL DA POPULAÇÃO LOCAL**

Inicialmente é importante contextualizar que Tangará da Serra tem uma colonização sulista, onde os habitantes dessa região do país vieram no movimento de alargamento da fronteira agrícola ocorrido no decorrer dos anos 1970 e conseqüentemente algumas tradições foram pré estabelecidas, como cafés coloniais, jantares dançantes e um gosto musical típico da região originária. Desta forma temos que:

[...] a Amazônia brasileira foi posta na rota de exploração econômica gerada a partir de uma estratégia política de expansão da fronteira agropecuária, concessão de incentivos fiscais, construção de polos minerais e siderúrgicas, rodovias, hidrelétricas, além da exploração de madeiras (SILVA FILHO, 2016, p. 137).

A presença da cultura de habitantes originários do nordeste veio se estabelecendo devido ao percentual de pessoas que chegaram em busca de emprego durante a estruturação da indústria no município como a de cana de açúcar e frigoríficos, além disso a forte agricultura da região voltada ao agronegócio também absorveu muita mão-de-obra da referida região.

Neste ponto de vista já se expressa as diferenças singulares pré-estabelecidas, uma cultura colonizadora, incentivada pelo Estado brasileiro, que se fixa na região como hegemônica, e a outra que surge da necessidade de seus habitantes de fugir das mazelas sociais de seu espaço original e que se estabelece como subalterna e marginalizada sem gozar do mesmo status social atribuído aos pioneiros.

A necessidade de novas opções para as classes oprimidas e marginalizadas do País transformou a Amazônia em uma nova alternativa para esta parte da população brasileira. A colonização espontânea e a dirigida serviram para tirar excedentes populacionais do Nordeste, do Sul e de outras áreas do País, sendo consideradas uma nova alternativa para minimizar os problemas sociais (PICOLI, 2005, p. 59).

Entretanto ainda existem outras origens culturais em Tangara da Serra, o município passa no momento por um processo de hibridização, que aparentemente ainda não esta consolidado, é comum perceber pessoas que chegaram aqui recentemente ou até mesmo munícipes que demoram a entender a dinâmica a cerca da identidade da cidade, que historicamente é nova, pois são apenas 46 anos de fundação e construção de sociedade, cultura, costumes, tradições, renda, mercado, estigmas e padrões, nem tão velha que possua uma cultura arraigada e nem tão nova que já não tenha assimilado vícios e preconceitos em seu povo.

Desta forma a imprensa é fundamental, não só na história passada, mas também na história presente e futura. No acompanhamento da mudança da sociedade tal qual o seu desenvolvimento cultural que reflete em todos os outros setores, como educação, comércio e turismo.

Tangará da Serra, no ponto de vista cultural é bem híbrida, tem sua raiz sulista, mas vem se misturando a outras culturas apresentadas durante a vivência cotidiana. Quanto às músicas é comum se ouvir o sertanejo, que toca nas rádios, assim como o lambadão e o forró. Músicas totalmente dançantes e festivas, mas que trazem consigo características de territorialidade. Temos o Centro de Tradições Gaúchas - CTG que completou 30 anos em 2022, fundado em 27 de fevereiro de 1988, a fim de conservar as tradições gaúchas hoje com cerca de 200 sócios-contribuintes e dispõe de uma grande área em pleno perímetro urbano, com um moderno galpão de eventos com capacidade para 2.000 pessoas, duas canchas de bocha, jogo de 48, dois campos de futebol, piscina, sauna, bosque com chalés e trilha para caminhada e passeio de bicicleta. De instalação mais recente no município o Centro de Tradições Nordestinas - CTN Gonzagão também desenvolve programações envolvendo a cultura, danças e culinária do nordeste brasileiro.

O grupo Os de fora que é um grupo de quadrilha que surgiu em 6 de abril de 2006, fundado inicialmente por um grupo de amigos, mas que ganhou força e nome e hoje já tem mais de 60 integrantes e recentemente ganhou o 3º lugar do Festrilha - Festival Mato-grossense de Quadrilhas Juninas. Em contra partida, o lado underground é pulsante, o movimento do rock já faz seu nome a um tempo, com várias bandas, e alguns espaços destinados a esse público.

Existem também organizações filantrópicas como grupos de colecionadores de carros antigos e motos customshop aliados ao movimento do rock. Bem como festivais anuais e bandas com mais de 10 anos como a Belina 5:15 am na vertente do punk rock, tendo o álbum “desemprego” lançado em maio recente patrocinado pela lei Aldir Blanc por meio da secretaria de Cultura e Turismo de Tangará da Serra. E grupos mais novos como o Jam On criado em 2016. O hip-hop tem força, mas caminha lentamente. Anterior a pandemia existiam batalhas de rap em praças públicas bem como campeonatos de skate, existe ainda um grupo chamado Conexão Mcs que produzem

músicas autorais, com rimas e batidas, letras e mixagens e material audiovisual feito pelo grupo além de trabalhos de grafite.

Toda essa diversidade de modos e estilos de vida reforça o caráter de hibridismo cultural presente na cidade. Sobre a questão do uso desse território e suas relações nos explica Haesbaert (2012):

[...] abordar o território através das relações de poder que lhe são inerentes - desde um poder mais “tradicional”, de natureza estatal-administrativa, até sua configuração mais simbólica, na qual a própria construção identitária é vista, antes de mais nada, como um instrumento de poder (ou, para utilizar um termo um tanto polêmico, de “empoderamento”) dos grupos e/ou classes sociais (HAESBAERT, 2012, p.34).

O processo de ocupação do espaço urbano nas cidades vocacionadas ao agronegócio e ao comércio de commodities de modo geral é bastante fragmentado, o que em certa medida gera segregação espacial. O conceito de cidade moderna e planejada tende a empurrar para zonas laterais da planta urbana as populações de baixa renda. Esse processo cria diversos territórios identitários dentro de um território maior e na medida em que o centro urbano fica mais densamente povoado, os processos de hibridização são favorecidos conforme explica Young (2005):

O hibridismo transforma [...] a diferença em igualdade, e a igualdade em diferença, mas de forma tal que a igualdade não seja mais o mesmo, e o diferente não mais simplesmente o diferente. [...] quebrar e reunir ao mesmo tempo e no mesmo lugar: diferença e igualdade numa aparentemente impossível simultaneidade (YOUNG, 2005, p.32).

A globalização contemporânea trouxe novos fluxos circulatórios tanto no que concerne a produtos e serviços quanto em relação as pessoas. Isso influencia também nos processos de formação e mutação da identidade cultural, pois gera pertencimentos oblíquos. Conforme nosso entendimento Hall (2015) diz que, a aceleração das inovações científicas e informacionais, que fazem surgir as tecnologias que afetam nosso cotidiano, provocaram mudanças nas identidades, nas subjetividades, nos contextos dos grupos sociais e na vinculação entre as pessoas enquanto identidade individual. Para Hall (2015) fazendo o recorte para o contexto da pós-modernidade é impossível alinhar o indivíduo em uma única “identidade-mestra”, baseada nas classificações sociológicas típicas ou categorias sociais (gênero, sexualidade, classe social, raça, posição político-partidária), pois à medida que se é interpelado por

diversos sistemas de significação cultural, emergem dentro do indivíduo “identidades contraditórias” que, segundo o autor, deslocam-se, empurram em diferentes direções. Rodrigues Netto (2022) explica que esse processo globalizado pode colocar lado a lado culturas de matrizes muito diferentes:

Paradoxalmente temos a possibilidade de que num mesmo território possa existir mais de uma identidade, pois são terminologias que se referem a marcos conceituais diferentes. O território é marca geopolítica e jurídica enquanto povo consiste na coesão social gerada pelo pertencimento identitário. Neste sentido o que podemos dizer do município de São Paulo, o maior conglomerado urbano da América do Sul e que abriga em seu território cerca de 12 milhões de habitantes que coexistem neste espaço e mantém vivos os saberes e vivências de seu povo (RODRIGUES NETTO, 2022, p. 116).

Fruto desse hibridismo cultural, os municípios da nova fronteira agrícola expandida no qual se encaixa Tangará da Serra vivem uma realidade de convívio com o diferente, que por si só causa estranheza e por vezes repulsa. Esse processo de alteridade, de enxergar, reconhecer e respeitar a presença do outro envolve muito mais do que tolerância. Passa pelo pertencimento e pela construção da individualidade subjetiva conforme explica Rodrigues Netto (2022).

O complexo processo humano de pertencimento expresso pela identidade cultural e contraditoriamente pautada na diferenciação como pressuposto da própria construção da individualidade tem no conceito de alteridade um importante sustentáculo já que do ponto de vista antropológico entendemos que o ser humano é um ser social interdependente de outros seres sociais e que esse processo de interação se estabelece desde o ventre materno na alimentação e demais nutrientes recebidos da mãe gestante e prossegue por toda a vida (RODRIGUES NETTO, 2022, p. 116).

Mas toda essa efervescência e diversidade cultural está retratada na mídia da cidade? A essa questão procuraremos responder em sequência.

#### **4. JORNALISMO CULTURAL NA IMPRENSA TANGARAENSE**

No momento a cobertura midiática impressa feita a cerca de eventos culturais, retrata em sua maioria, grandes eventos, como shows, circos, e eventos institucionais.

Quanto a margem destes, acontecem outros movimentos, numa efervescência cultural que existe mas aparentemente não é midiaticizada.

Isso acontece porque as informações culturais são veiculadas a partir de um agendamento, levando-se em conta que muitos shows recebem verbas e podem impulsionar a sua divulgação ao passo que pequenas manifestações não conseguem furar esse bloqueio permanecendo no meio underground.

Entendendo que a mídia é formadora e estimuladora de comportamentos sejam de consumo ou de engajamento social e que seus produtos como filmes, telenovelas e jornais causam repercussão, mobilização e produção de sentido, temos como resultado disso o estabelecimento de uma agenda pública e de forma sistematizada um fator de influência sobre a opinião pública formando um grande ciclo vicioso de valorização de conteúdos que se adaptem a indústria cultural, gerem lucro e possam ser consumidos pelo público cotidianamente.

A agenda setting é uma das teorias do jornalismo mais usadas quando se busca compreender o comportamento da opinião pública. Como podemos deixar um tema passar despercebido enquanto outro não sai da nossa roda de conversa. A explicação desse fenômeno social é que a mídia embora tenha questionada sua capacidade de manipulação, tem certamente a predominância em impor sua agenda, ou seja, temas que antes não eram de nosso interesse passam a ser pela ação da mídia. Maxwell McCombs (2009) ressalta:

Tudo o que sei é somente o que li nos jornais. Este comentário é um sumário sucinto sobre muito do conhecimento e informação que cada um de nós possui sobre os assuntos públicos porque a maior parte dos assuntos e preocupações que despertam nossa atenção não estão disponíveis à nossa experiência direta pessoal [...] Para quase todas as preocupações da agenda pública, os cidadãos tratam de uma realidade de segunda-mão, uma realidade que é estruturada pelos relatos dos jornalistas sobre estes eventos e situações. (MCCOMBS, 2009, p. 17)

Os veículos de comunicação possuem uma lógica própria de organização e produção de conteúdo. Essa lógica obedece uma rotina produtiva característica de hierarquização de conteúdos conforme explica Martino (2010):



Notícias são criadas a partir de uma série praticamente infinita de seleções e escolhas efetuadas pelos profissionais. Ao presenciar um fato, o jornalista toma uma série de decisões - desde as palavras a empregar até quais aspectos destacar do conjunto de acontecimentos - e transforma isso em uma notícia. A partir do momento em que alguns detalhes são acentuados e outros não, a notícia se torna o veículo de uma representação específica da realidade - não uma distorção deliberada, mas uma necessidade prática (MARTINO, 2010, p. 20).

E de vez em quando os movimentos contra hegemônicos e também underground aparecem nas manchetes, para cumprir com metas de produção ou por que virou uma tendência ou porque precisou preencher uma lacuna. Podemos evidenciar então a teoria a associação entre o efeito de agenda e a teoria do gatekeeper porque só é possível agendar um tema, se este passar devidamente pelos filtros estabelecidos num dado veículo de imprensa.

Assim temos que “o gatekeeper trata-se do jornalista que decide se deixa uma informação passar ou se a bloqueia. “Ele é o responsável pela progressão das notícias ou por sua “morte”, caso opte por não deixá-la prosseguir, o que significa evitar a publicação” (PENA, 2015, p. 133). E o próprio processo de gatekeeping acaba por desencadear outros dois efeitos: a acumulação, pois permite a mídia dar volume a determinado conteúdo em detrimento de outros Hohlfeldt (2001) e o enquadramento ou framing que é justamente o ato de jogar luz e deixar um determinado aspecto mais saliente na percepção das pessoas McCombs (2009).

Ainda que (SANTOS, 2011, p.155) nos alerte “que nenhuma teoria é suficientemente completa para dar conta de forma definitiva do real sociocultural. A realidade é sempre mais complexa e dinâmica para ser enquadrada de forma absoluta por uma teoria”.

O jornalismo cultural trás consigo uma grande responsabilidade e uma gama de possibilidades. Jornalismo cultural pode falar da cultura local, regional, estadual, nacional, internacional. E com segmentos diversos, como pintura, musica, poesia, dança, folclore, teatro, ou até mesmo comportamental, compreendendo, reportando e também avaliando. O jornalismo cultural pode reger tendência culturais, evidenciar movimentos e impulsionar através da divulgação. O que pode interferir diretamente na indústria da moda, da musica, bem como comportamentos em sociedade. Esse

processo se não for pensado a partir de uma realidade posta e das identidades constituintes acaba por promover apenas a mercantilização da cultura, por meio do que os teóricos da Escola de Frankfurt denominaram Indústria Cultural<sup>3</sup>, que coloca no submerso algumas manifestação em detrimento de colocar no holofote outras.

A questão da identidade cultural pode ser vista também a partir dos holofotes dos estudos de comunicação. Na perspectiva marxista proveniente da teoria crítica e principalmente da valiosa contribuição de Theodor Adorno e Max Horkheimer com seu conceito de indústria cultural onde essas manifestações atendem a lógica do modo de produção capitalista e se convertem em produtos de consumo. Assim os meios de comunicação colocam na prateleira seus produtos gerando um consumo e por consequência inculcando valores simbólicos que tem a capacidade de produzir identidades (RODRIGUES NETTO, 2022, p. 117).

#### 4.1 Amostragem de matérias analisadas

Ao longo do mês de julho de 2022 foram selecionadas 23 edições do jornal Diário da Serra sendo que destes exemplares encontramos 11 matérias jornalísticas de tipologia informativa entre notícias e reportagens.

Percebemos que em julho mês tradicionalmente dedicado a festas juninas que se iniciam em junho e seguem até início de agosto, as coberturas dessa temáticas ganham mais destaque na imprensa local, o que gera uma espécie de atravessamento em entre as culturas. O Centro de Tradições Nordestinas ganha destaque nesse período do ano, o que não ocorre em outros momentos da temporada. O grupo os de fora tipicamente tematizado para quadrilha de festa junina teve reportagens publicadas em três edições desse mês, em 14, 22 e 26 de julho.

Também a matéria “Memórias da cooperativa de reciclagem de Tangará da serra são eternizadas em livro” ganhou destaque merecendo página inteira no jornal que

---

<sup>3</sup> Horkheimer, Adorno, Marcuse e outros referiram-se com o termo *indústria cultural* à conversão da cultura em mercadoria, ao processo de sudorninação da consciência à racionalidade capitalista, ocorrido nas primeiras décadas do século XX. Em essência, o conceito não se refere pois às empresas produtoras, nem às técnicas de comunicação. A televisão, a imprensa, os computadores, etc., em si mesmos não são a indústria cultural: essa é, sobretudo, um certo uso dessas tecnologias. Noutras palavras, a expressão designa uma prática social, através da qual a produção cultural e intelectual passa a ser orientada em função de sua possibilidade de consumo no mercado (Rüdiger, 2001, p.138).

circulou no dia 07 de julho. A seguir apresentamos print dessas duas matérias mencionadas.

Imagem 1: Exemplo de reportagens de cultura no Jornal Diário da Serra

## FESTRILHA

# Grupo Os de Fora representa Tangará da Serra no maior festival de quadrilhas de MT

**Os de Fora vai em busca do título de campeão mato-grossense**

ALEXANDRE ROLIM / Assessoria

O grupo junino Os de Fora representará Tangará da Serra na final do Festival Mato-grossense de Quadrilhas Juninas (Festrilha). O evento iniciou nesta quinta, 21, e segue até sábado, 23, na cidade de Nova Xavantina, região do Araguaia. O grupo tangararense vai em busca do título de campeão mato-grossense no maior e mais importante concurso junino do estado.

Realizado pela Federação Mato-grossense de Quadrilhas (FMTQ), a grande final do Festrilha contará com a participação de 15 grupos de todas

as regiões de Mato Grosso. O grupo Os de Fora se apresentará na noite de sábado. A trupe que viaja a Nova Xavantina é composta por cerca de 60 integrantes, entre dançarinos, marcador e equipe de apoio.

A presidente do grupo, Leidy Póza, explica que o Os de Fora apresentará

“Representaremos nossa cidade com muito orgulho

o espetáculo “A flor que anuncia chuva num sertão chamado Brasil”, cujo enredo aborda a flor do mandacaru, uma espécie

de cacto comum no agreste nordestino e que na tradição e crenças populares o seu florescimento representa o anúncio, o prelúdio de chuva no sertão após longo período de estiagem.

“Nossa expectativa é muito grande para a final do Festrilha. Estamos nos últimos ajustes para a viagem, já começou a dar aquele friozinho na barriga, coração já está a mil, representaremos nossa cidade com muito orgulho, assim como já estamos representando com muita satisfação em outros municípios em que passamos nessa temporada”, disse Leidy.

A presidente do grupo aproveita para agradecer a Prefeitura Municipal, através da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Secultur), que está oferecendo todo o suporte



O grupo se apresentará na noite de sábado

necessário para que o grupo Os de Fora represente o Município no evento de importância estadual. “Estamos indo com toda garra, com o objetivo de fazer um grande e maravi-

lhoso espetáculo. Esperamos conquistar o público e também os jurados, e quem sabe trazer o título de campeão estadual para o nosso município”, pontuou Leidy.

## 15 ANOS

# Memórias da Cooperativa de Reciclagem de Tangará da Serra são eternizadas em livro

**Oficina de produção de cartoneras finaliza a produção dos livros**

FABÍOLA TORMES / Redação de CR

Os 15 anos de história da Cooperativa de Produção de Material Reciclável de Tangará da Serra (Coopertan) e de seus cooperados, especialmente dos fundadores, estão sendo eternizados em livro, que será lançado neste sábado, dia 9 de julho.

O livro Memórias da Cooperativa de Reciclagem de Tangará da Serra foi produzido pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) ao longo do primeiro semestre deste ano e sua finalização nesta terça-feira, dia 5 de julho, com a confecção das capas, através da oficina de produção de cartoneras, que é a confecção manual de livros, utilizando-se do material



Como exemplo de matérias mais ligadas a cultura hegemônica, em que uma das vertentes é a valorização do agronegócio temos “Exposal volta com força em Sapezal”. Essa reportagem trás a fala do presidente do Sindicato Rural do município vizinho que destaca a volta do evento após o cancelamento por conta da pandemia de Covid-19 do ano anterior.

Também a matéria “Arraia Santa Terezinha ocorre neste final de semana” se encaixa neste grupo porque embora tematize sobre a festa junina, tal igreja é bem tradicional na cidade e seus frequentadores são em sua maioria os pioneiros e seus descendentes, o que mais uma vez nos leva a questão da territorialidade e a convivência de diversas culturas no espaço urbano.

Entendemos aqui que uma igreja católica tradicional e que se instala numa área central da cidade constitui um aparelho público não estatal cuja função é congregar as pessoas adeptas a essa religião, no entanto a segregação ocorre a medida em que determinado público se torna dominante neste espaço. Sobre essa lógica de segregação temos que:

Ocorre que a reestruturação do espaço urbano com a criação de novas centralidades, aparelhos públicos direcionados e mesmo investimento privado atendem a ordem do capital. “Os espaços são produzidos visando lucro e ignorando a função social da cidade e da propriedade. [...] é na cidade que se encontram as bases fundamentais para a compreensão da sociedade capitalista, por meio das relações estabelecidas na produção desse espaço. (SILVA FILHO, 2016, p-15).

A amostragem de 11 matérias extraídas do periódico diário ao longo do mês de julho apontou para um equilíbrio para matérias do campo hegemônico e aquelas relacionadas mais a cultura underground presente no município e na região. Isso nos trás como interpretação de que embora a mídia coloque na agenda pública conteúdos que permeiam interesses não apenas jornalísticos, mas também econômicos, isso também tem um limite, pois como não noticiar manifestações tão fortes e presentes na sociedade como as tradições juninas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como ponto final desta análise queremos dialogar com nosso objetivo principal que era se existe uma cobertura sistematizada dos eventos culturais e se tal cobertura

é igualitária entre as culturas hegemônicas e as de base underground. Sobre isso podemos afirmar que embora a amostragem revele que quantitativamente houve um equilíbrio isso se deveu mais ao fato de que o mês de julho traz muitas atividades ligadas às tradições nordestinas, sobretudo a festa junina, de que realmente uma preocupação e dar vazão a estes valores. O grupo Os de Fora que foi retratado em três edições é um coletivo conhecido fora dos limites do município, em âmbito estadual e que portanto já furou a bolha da imprensa local.

Sobre o questionamento feito ao longo da pesquisa se a imprensa tangaraense reflete em suas publicações a efervescência e diversidade cultural de sua população, a resposta também é negativa. O que percebemos são coberturas pontuais não sistematizadas que ocorrem quando algum fato por sua relevância consegue furar o bloqueio do gatekeeper e com isso ganha as raias da notícia.

Portanto o que depreendemos desse estudo é que a cidade é um espaço de disputa da cultura hegemônica e das culturas underground e que a mídia pode ser um espaço que reflita a diversidade cultural de um lugar, muito embora esteja permeada por interesses econômicos, políticos e sociais o que por vezes, transforma legítimas manifestações culturais em produtos mercantis pelo efeito da indústria cultural. A mídia utiliza-se também de uma dinâmica produtiva muito peculiar em que filtros de conteúdo são utilizados e determinados assuntos ganham projeção enquanto outros permanecem submersos.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4<sup>a</sup>ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HAESBAERT, R. **Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade**. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 27-46. ISBN 978-85-232-1238-4.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

KIENTZ, Albert. **Comunicação de Massa: análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Editora Eldorado. 1973.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 7ªed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINO, Luís Mauro de Sá. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos**. 2. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso: história e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria do Agendamento**, a mídia e a opinião pública. Tradução de Jacques A. Wainberg. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2015.

PICOLI, Fiorelo. **Amazônia e o capital: uma abordagem do pensamento hegemônico e do alargamento da fronteira**. Sinop/MT: EF, 2005.

RODRIGUES NETTO, Miguel. **Elementos de hibridismo cultural na música loirinha bombril de Paralamas do Sucesso**. IN: **Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais 3**. Ponta Grossa/PR: Atena, 2022.

RÜDIGER, Francisco. **A Escola de Frankfurt**. IN: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

SANTOS, Luciano dos. **As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas**. Revista Rascunhos Culturais, Coxim/MS. V.2, N°4, p.141-157, jul.-dez. 2011.

SILVA FILHO, E. G. **A Amazônia e o plano de integração nacional: os projetos de expansão e o avanço do capital nas sociedades tradicionais**. Revista Tempo Amazônico-ISSN, v. 3, n. 2, p. 136-152, 2016.

YOUNG, R. **O Desejo colonial**. São Paulo: Perspectiva, 2005.